



CULTURA ESCOLAR x CULTURA DIGITAL: REPENSAR HÁBITOS EDUCACIONAIS À LUZ DAS NOVAS TECNOLOGIAS

Gian Ruschel¹

Josei Fernandes Pereira²

Mariana Borba Trevisan³

Introdução

A pandemia da Sar-Cov-2 (COVID-19) trouxe uma série de restrições e desafios em todas as áreas da vida humana como saúde, economia e educação. De acordo com as orientações da OMS (Organização Mundial de Saúde), o contato físico deveria ser minimizado apenas ao necessário, sendo imperativo um processo de readaptação então tivemos que nos adaptar em relação a muitas atividades do viver cotidiano. Esse processo de mudança em vistas do distanciamento social afetou diretamente milhões de estudantes que tiveram de migrar do ensino presencial para um ensino remoto emergencial. Depois das orientações do Conselho Nacional de Educação (CNE), as atividades presenciais foram suspensas por tempo indefinido, oferecendo novos desafios a todos os envolvidos, direta ou indiretamente, a saber: os alunos, professores, famílias, gestores públicos e funcionários das instituições de ensino em geral. Sem os meios tradicionais de ensino, alunos dispostos em fila na sala de aula e o tradicional quadro negro, as escolas tiveram que buscar novos meios para atender às demandas educacionais.

Dessa forma, o ensino remoto enfrenta desafios básicos como: quais as ferramentas devemos usar? Como nos conectarmos com os alunos? Como avaliar o processo de aprendizagem? Foram movidos por estas perguntas que agentes educacionais buscaram, nos últimos meses, alternativas de adaptação ao que já convencionou chamar de “novo normal”, o

1 Graduado em História licenciatura (URI) e Mestre em Educação nas Ciências (UNIJUI); professor de História no Centro de Educação Básica Francisco de Assis (EFA); e-mail: gian.ruschel@unijui.edu.br.

2 Graduado em História pela UNIJUI e Mestre em História pela UPF; professor do Departamento de Humanidades e Educação da UNIJUI e do Ensino Médio da EFA; josei.pereira@unijui.edu.br.

3 Graduada em Ciências Biológicas Licenciatura (UFSM) e Mestre em Biodiversidade Animal (UFSM); professora de Ciências da EFA; e-mail: mariana.trevisan@unijui.edu.br.



que foi em certa medida benéfico, ao impelir os profissionais da educação a sair da zona de conforto e inovar.

O objetivo deste ensaio é refletir sobre a educação e suas práticas à luz da cultura digital e novas tecnologias de informação e educação (TIC). Levando em consideração nossa experiência na instituição em que atuamos até o presente momento, o contato com diversas ferramentas facilitadoras, bem como dificuldades e limitações, acreditamos ser de extrema importância a divulgação e a discussão acerca desse “novo normal”. Precisamos pensar a educação no contexto das novas tecnologias e como esse momento nos obriga a participar dessa realidade, torna-se o agora o momento destinado a essa discussão. Discussão importante, pois “validam-se as perspectivas pedagógicas não pelo seu conteúdo intrínseco, mas pela forma consensual em que se constroem e expressam, como resultado de um processo de elucidação discursiva à base dos melhores argumentos [...]” (MARQUES, 1993, p. 109). Assim as limitações, as tecnologias facilitadoras e os velhos hábitos da cultura educacional precisam ser pensados. Esse debate precisa ser promovido de forma urgente.

Resultados e discussão

A problemática será discutida a partir da realidade da escola em que atuamos, que apresenta uma estrutura compatível para a modalidade de ensino já destacada. Isso se dá pelo fato de que a maioria das famílias têm condições de manter internet e equipamentos de razoável qualidade para os alunos, diferente da realidade da educação pública nacional em que as dificuldades se tornam substancialmente maiores e mais complexas.

Podemos dizer que, independente da rede ou modalidade de ensino, professores sempre trabalharam em *home office*, pelo fato de enfrentarem a realidade de lavar pilhas de provas para casa para corrigir no final de semana, planejar uma aula ao assistir uma série ou filme no domingo de noite, responder de casa à diversas mensagens de alunos, famílias e da própria escola, entre outras situações. Professores sempre trabalharam em casa, sendo muito recente, por exemplo, o reconhecimento do direito à carga horária de planejamento das suas aulas. O que mudou com essa nova realidade imposta pela pandemia do COVID-19 é a necessidade de adaptação a um contexto que torna esse trabalho, que antes era considerado extra, como o principal. Todo o trabalho está sendo feito em casa por uma questão compulsória.



O que vivenciamos não se trata exatamente da modalidade EAD. Segundo Alves (2011), a educação a distância possui características próprias que são muito diferentes da nossa realidade atual nas escolas brasileiras. A EAD pressupõe o apoio de tutores de forma atemporal, com carga horária diluída em diferentes recursos midiáticos e atividades síncronas e assíncronas. Portanto, a situação atual envolve um novo tipo de adaptação, na qual é importante considerar que existem dois pontos importantes: os alunos, que se veem isolados e sozinhos, distantes dos seus grupos sociais, tendo que desenvolver habilidades como autonomia de estudo, domínio de tecnologias e autodisciplina, e os professores que necessitam reaprender a planejar, dentro de uma nova realidade, já que não se trata apenas de inserir as tecnologias no planejamento, mas reformular completamente as suas práticas e metodologias, considerando fatores como distância, tempo, recursos e, inclusive, a carga emocional implicada no contexto.

Dessa forma é necessário que alguns velhos hábitos da cultura escolar, herdados das gerações passadas, sejam ressignificados, repensados e/ou superados. Desaprender e reaprender serão habilidades fundamentais nestes novos tempos marcados pela constante aceleração das transformações científicas e tecnológicas. Isso não se aplica apenas ao contexto atual, mas – principalmente – ao futuro da educação. Segundo Mario Osorio Marques:

Deve, por isso, a avaliação da aprendizagem colocar-se sob a ótica da sistematização como construção de uma dinâmica integradora em que os conteúdos curriculares se relacionem e se reorganizem de contínuo, articulando-se em estruturas outras, mais complexas a um tempo e melhor direcionadas à interpretação das mudanças em curso e das novas relações percebidas (1993, p. 111).

Assim como Mario Osorio Marques avalia o *vir-a-ser* da educação, entendemos que o presente momento é tempo de avaliar, discutir e debater os velhos hábitos educacionais, herdados de uma cultura construída pelas gerações anteriores. Isso a fim de ressignificar os mesmos e pensar em novas metodologias de ensino, sem depreciar a tradição, mas desnaturalizando algumas práticas. Assim apresentamos aqui algumas limitações (a) que notamos nesse contexto, bem como alguns possíveis facilitadores (b).

Como uma das primeiras dificuldades (a) enfrentadas aparece a questão da autonomia do estudante frente a suas responsabilidades e ao uso das tecnologias. Percebemos que muitas famílias acreditam que a função de educar repousa apenas na escola, o que faz com que se



distanciem da vida escolar dos filhos. É importante notar que família e escola possuem importâncias específicas. A escola com sua especificidade se diferencia da família, pois “dá às pessoas a chance (temporariamente, por um curto espaço de tempo) de deixar o seu passado e os antecedentes familiares para trás e se tornarem um aluno como qualquer outro” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 16). Essa escola “permite que os jovens entrem em outro mundo” (MASSCHELEIN; SIMONS, 2014, p. 16), o que sugere que a educação escolar possui um caráter específico: suspende o aluno de todos os outros âmbitos de sua vida privada e social.

Portanto a educação é um entreposto entre o a família e a sociedade. Apesar de parecer que a criança, ao sair do âmbito familiar para ir para a escola, está sendo lançada ao mundo, a escola não é o mundo e nem deve fingir que o é, bem como não é a família e também não a substitui (ARENDRT, 2009). A escola deve buscar se aproximar da família e do mundo, o que não deve se traduzir como sobreposição ou substituição dos mesmos. A família, portanto, possui papel fundamental na educação dos filhos, pois a escola não a substitui. Essa tem o compromisso ético de educar em sua especificidade de escola – e não de família.

Outra dificuldade que surge quando falamos de educação no contexto da cultura digital e, principalmente, de ensino remoto na atual situação, é a de ordem socioeconômica. Segundo a UNESCO (2019) em pesquisa de abrangência nacional durante os anos de 2018 e 2019, apenas 39% da população brasileira tinha acesso a computador com internet e 30% não tem acesso algum a internet. A realidade da rede privada acaba sendo bem diferente das escolas públicas, pois enquanto para uns a internet é necessidade para outros é um luxo supérfluo e dispensável. Assim, em relação ao acesso à internet, bem como às ferramentas necessárias ao ensino remoto emergencial, é importante considerar sempre essa lacuna entre a rede privada e a rede pública, bem como os efeitos devastadores que pode ter a curto, médio e longo prazo para uma sociedade que já era desigual antes da pandemia.

Nesse contexto, antigas estratégias como a aula expositiva, o questionário e a repetitividade como preparação para o momento da prova (às quais Paulo Freire já chamava de educação ‘bancária’), dão lugar a estratégias diferenciadas como a sala de aula invertida, a gamificação e a aprendizagem baseada em problemas ou projetos. Esse é mais um desafio que exige muito trabalho e pensamento, pois ele quebra a velha rotina escolar, modifica hábitos e demanda a compreensão de novas dinâmicas, bem como a utilização de novas ferramentas.



Essa não é exclusiva da realidade da pandemia, apenas foi acelerada por ela; é um processo que acontece desde a o início da década de 1990, com a chegada dos primeiros computadores às escolas. O surgimento dessa nova cultura, marcada profundamente pelos dispositivos de comunicação digitais (a cibercultura), é que deve ser pensada como estrutura por trás das mudanças que vêm ocorrendo no cenário da educação. A questão chave é que, apesar de estarmos imersos nessa cultura – que também é um eixo da própria BNCC – ela ainda não havia sido colocada efetivamente na base da organização das práticas e currículos escolares. O que é muito problemático pois, uma vez que uma das funções da escola é educar para a vida em sociedade, educar em uma sociedade marcada pela cultura digital precisa se tornar uma prática curricular, não prática curricular no sentido de se criar novas disciplinas de tecnologias ou de informática, mas de inserir esta discussão transversalmente aos currículos das disciplinas tradicionais. Afinal, a cultura digital está aí, ao nosso redor, e chegou para ficar.

Por outro lado, destacamos também alguns facilitadores (b) para a educação digital se considerarmos um cenário em que o aluno tenha acesso às ferramentas básicas. Alguns deles foram criados ou aprimorados a partir do contexto da pandemia em 2020, bem como serviços que começaram a ser prestados, enquanto outras ferramentas e plataformas já existiam – e nesse caso não eram tão evidentes no contexto educacional.

A instituição da qual fazemos parte já possui um suporte tecnológico. Já existia uma parceria com a Google for Education antes de 2020. Essa plataforma nos auxilia com recursos que contribuem para o desenvolvimento das atividades do ensino remoto. Dentro disso destaca-se o uso da ferramenta Google Meet e Classroom, que estão permitindo uma interação em tempo real do professor com todos os alunos da sala, bem como a organização das disciplinas e postagens de material.

Outras plataformas apresentam possibilidades educacionais como o Spotify (*podcasts* gratuitos), ou o YouTube (*lives* e *streamings*). Alguns professores já estão utilizando esses como recursos para aulas, seja em tempo real, seja para estudos orientados. O programa Prezi também está se readaptando, permitindo um acesso diferenciado à professores com ferramentas como salas de videoconferência. Empresas de jogos também disponibilizaram ferramentas gratuitas: Assassin's Creed (Odyssey e Origins), da franquia conhecida por reproduzir períodos históricos com muita fidelidade. Esses dois jogos foram preparados numa



versão dedicada à educação: substituíram os elementos tradicionais dos jogos pelo *Discovery Tour* (viagem guiada pela Grécia antiga e Egito antigo, acompanhada com texto e áudio).

Também iniciamos em nossa escola um projeto intitulado MesaWeb⁴, no qual professores da escola ou convidados debatem sobre um tema em formato de mesa redonda, sendo essa transmitida pelo Facebook da escola. O objetivo desse projeto, que contempla diversas temáticas, é criar conteúdo, manter o vínculo com os alunos e a comunidade escolar e instigar a discussão e o debate por meio da utilização das tecnologias e redes sociais.

Considerações finais

Compreende-se aqui que a educação escolar foi um dos primeiros serviços a sentir os efeitos da mudança imposta pela pandemia do SARS-COV-2. As escolas de todo país começaram a se reorganizar frente a desafios que envolvem questões de ordem socioeconômica, psicológica e obviamente o conhecimento⁵ e domínio das novas ferramentas e tecnologias para a educação. Ligado a isso percebemos que existem muitas ferramentas tecnológicas que auxiliam nessa readaptação e podem ser considerados importantes ferramentas para o futuro. Nossos alunos reagiram com relativa naturalidade ao uso das mesmas, uma vez que integram a geração que chamamos "nativos digitais" e já estão imersos nessa cultura.

No entanto, o uso massivo das tecnologias e plataformas, a exemplo do Google for Education, também nos deixa suscetíveis a um novo modelo de exploração econômica, marcado pelo domínio e manipulação dos metadados dos usuários com uso de inteligência artificial. A partir dessa compreensão acreditamos que essa migração para essa nova cultura (cibercultura) não pode ser realizada de forma massiva, uma vez que há muitas distorções na forma e na qualidade do acesso ao ensino online, entre muitas outras implicações. Mas é dever da escola efetivar, em suas realidades, práticas educativas condizentes com os avanços tecnológicos atuais. É inadmissível, em pleno século XXI, ainda tenhamos sujeitos escolares deixando estas instituições sem estarem devidamente alfabetizados digitalmente.

Algumas questões ainda ficam em aberto: até quando essa modalidade de ensino será mantida? O que manteremos desse aprendizado pós-pandemia? E, se for o caso, quais são as

4 A primeira edição foi organizada e apresentada pelos mesmos autores deste texto. Teve como temática as Pandemias na História: Impactos e Doenças na Sociedade, unindo conceitos da História e da Biologia.

5 Conhecimento tecnológico pedagógico do conteúdo (ou TPACKs, na sigla em inglês para Technological Pedagogical Content Knowledge),



práticas que devemos abandonar? O que se sabe é que precisamos pensar e repensar a educação, tendo a cibercultura como estrutura por trás de todas as mudanças. É um debate que se faz necessário tendo em vista que é responsabilidade dos sujeitos implicados no âmbito educacional revalidar e ressignificar o sentido da própria educação à luz do tempo que vivemos.

Concluimos com as palavras do professor Mario Osorio Marques, fazendo um convite aos agentes da educação, “no sentido de aprofundarmos nossa reflexão sobre as responsabilidades que nos cabem, e às nossas escolas, nesta busca, com nossos alunos, das novas aprendizagens exigidas pelos tempos neomodernos” (MARQUES, 1993, p.112). Convite esse para o pensamento acerca do que já construímos e queremos construir para a educação tendo em vista a busca por consensos democráticos no mundo da educação.

Referências

ALVES, Lucineia. Educação a distância: conceitos e história no Brasil e no mundo. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância**, v. 10, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17143/rbaad.v10i0.235>. Acesso em: 15/09/2020.

ARENDDT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. Tradução de Mauro W. Barbosa. 6. ed. São Paulo. Perspectiva, 2009.

BRASIL, Conselho Nacional da Educação. **CNE aprova diretrizes para escolas durante a pandemia**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/12-noticias/acoes-programas-e-projetos-637152388/89051-cne-aprova-diretrizes-para-escolas-durante-a-pandemia?Itemid=164>. Acesso em: 15/09/2020.

MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1993.

MASSCHELEIN, Jan; SIMONS, Maarten. **Em defesa da escola: uma questão pública**. Tradução de Cristina Antunes. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

ONG Todos pela Educação. **Educação na pandemia: ensino a distância dá importante solução emergencial, mas resposta à altura exige plano para volta às aulas**. Disponível em: https://www.todospelaeducacao.org.br/conteudo/Educacao-na-pandemia-Ensino-a-distancia-da-importante-solucao-emergencial_-mas-resposta-a-altura-exige-plano-para-volta-as-aulas. Acesso em: 15/09/2020.



Educação
nas Ciências
MESTRADO E DOUTORADO
UNIJUÍ

25 anos

25 e 26
de novembro
2020

XXI Encontro Nacional de Educação (ENACED)

I Seminário Internacional de Estudos e Pesquisa em Educação nas Ciências (SIEPEC)

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Coronavirus disease** (COVID-19) advice for the public. Disponível em: <https://www.who.int/emergencies/diseases/novel-coronavirus-2019/advice-for-public>. Acesso: 15/09/2020.

Palavras-chave: Cibercultura.Educação. Tecnologia.